

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA APREENSÃO DA ARTICULAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADE E CULTURA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Yuri Elias Gaspar – Universidade Federal de Minas Gerais
Miguel Mahfoud – Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este artigo objetiva: (1) elaborar e discutir procedimentos metodológicos fundamentados na Fenomenologia Clássica (Husserl e Stein) que permitem investigar a articulação entre subjetividade e cultura em seus elementos essenciais; (2) apresentar contribuições concretas para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. O referencial fenomenológico propõe desafios para elaboração rigorosa da pesquisa, quais sejam: colher a provocação do fenômeno investigado; considerar o interesse pessoal do pesquisador; colocar entre parênteses concepções prévias para captar o fenômeno; elaborar referencial teórico provocador; adequar instrumentos à realidade investigada; selecionar sujeitos a partir de critérios precisos; conviver e solicitar pessoalmente os sujeitos a adentrar sua experiência; apreender a elaboração da experiência pessoal e coletiva em seu dinamismo próprio; discutir e generalizar os dados de modo vitalizado. Conclui-se que o enfrentamento desses desafios na pesquisa evidencia que a articulação entre subjetividade e cultura é possível por meio da apreensão da estrutura da vivência, uma vez que esta expressa, a um só tempo, o posicionamento pessoal e o mundo humano em que este posicionamento se constitui.

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica, subjetividade e cultura, metodologia de pesquisa

Abstract

This article aims to: (a) prepare and discuss methodological procedures based on the Classical Phenomenology (Husserl and Stein) that allow to investigate the relationship between subjectivity and culture in its essential elements, (2) provide concrete contributions to the development of a qualitative research. The phenomenological approach challenges for developing rigorous research, which are: harvest the provocation of the phenomenon investigated; consider the interest of the researcher; bracket preconceptions to capture the phenomenon; elaborate provocative theoretical; suit instruments to situation investigated; select subject from precise criteria; live personally and ask the subjects to come into your experience; apprehend the development of personal and collective experience in the characteristic dynamism; discuss and generalize the data so vitalized. It was concluded that coping with these challenges in the research shows that the relationship between subjectivity and culture is possible through understanding the structure of the experience, since it expresses the same time, positioning personnel and human world in which this positioning is constituted.

Keywords: Phenomenological Psychology, subjectivity and culture, research methodology

No campo das pesquisas qualitativas é amplamente reconhecido que somente escolher um referencial não garante, *a priori*, o rigor e o sucesso da investigação. Faz-se necessário acolher o desafio de apreender a experiência sem perder sua vitalidade e sem reduzi-la a concepções prévias, sustentando olhar de abertura ao que se manifesta e empenho pessoal para que seja preservada sua complexidade e unidade. Constatando isso, perguntamo-nos: qual percurso percorrer para compreender e comunicar a vitalidade do que se apresenta a nós?

Em nossa pesquisa de mestrado (Gaspar, 2010) investigamos como se configura o relacionamento entre experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da

pessoa e contexto sociocultural de uma instituição espírita. Fundamentamos nosso percurso na Fenomenologia Clássica, tal como proposta por Husserl (2006a, 2006b, 2008) e Stein (2003, 2005). Reconhecendo esse referencial como via privilegiada para compreensão das articulações entre subjetividade e cultura (Ales Bello, 1998, 2004; van der Leeuw, 1964; Zilles, 1996), buscamos empregar o método fenomenológico de modo a evidenciar a elaboração pessoal do sujeito, os elementos típicos da experiência e do mundo-da-vida do contexto sócio-cultural em análise, e as imbricações entre ambos.

Neste trabalho, ao voltarmos-nos para o problema metodológico do rigor na pesquisa sem desconsiderar a riqueza da experiência, intentamos avançar neste percurso. Mais que relatar passos do método adotado, entendemos ser necessário explicitar o porquê de cada passo e suas conseqüências para a elaboração concreta da pesquisa. Portanto, objetivamos (1) elaborar e discutir procedimentos metodológicos fundamentados na Fenomenologia Clássica que nos permitem investigar a articulação entre subjetividade e cultura em seus elementos essenciais; (2) apresentar contribuições concretas deste referencial no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

DELIMITAÇÃO DO OBJETIVO: OLHAR ABERTO À REALIDADE

A Fenomenologia Clássica solicita do investigador um modo de olhar que acolha as provocações do que se manifesta à consciência – o fenômeno – com o intuito de compreendê-lo (Ales Bello, 1998, 2004). Olhar que não repousa nem sobre a coisa por si, nem na criação subjetiva daquele que lhe dirige a mirada, mas na relação que se estabelece entre o eu e o mundo, na realidade enquanto percebida por alguém (van der Leeuw, 1964).

Isso é possível graças à atitude de *epoché*: colocar entre parênteses concepções prévias e voltar-se para o fenômeno para colher seus elementos essenciais. Tal postura crítica e antiespeculativa de suspensão do juízo quer evitar sobreposição de construções categoriais ao significado do fenômeno estudado, para favorecer que emerja o que lhe é mais próprio, sua estrutura (Ales Bello, 1998, 2004; van der Leeuw, 1964; Zilles, 1996).

Com a *epoché* passa-se da “atitude natural” – modo habitual de tomar fatos e coisas como óbvios – à “atitude fenomenológica”, que se ocupa das vivências do sujeito, fundamento de seu modo de elaboração e posicionamento no mundo (Ales Bello, 1998). Por vivência entende-se o que se dá à consciência, união entre ato do sujeito e fenômeno por ele apreendido (Ales Bello, 2004; van der Leeuw, 1964).

Na pesquisa qualitativa, a atitude fenomenológica implica em considerar a especificidade própria do fenômeno a ser conhecido, convidando o investigador a uma posição de abertura, desapego de preconceitos e atenção às solicitações que emergem no contato com o que é pesquisado. Isso significa que, acolhendo o fato de que o conhecimento vincula-se ao interesse do investigador – e também à sua perspectiva, sensibilidade e história – pode-se preservar a seriedade da pesquisa na medida em que o recorte do fenômeno delimitado pelo interesse pessoal não é fechamento num pré-conceito, mas sim ponto de partida que abre horizontes e permite adentrar e aprofundar o fenômeno em seus elementos essenciais.

Tais considerações sobre a atitude fenomenológica incidem diretamente no modo como se elabora o objetivo da pesquisa. Se o pesquisador não suspende suas concepções prévias, tende a lidar com seu interesse de modo fechado, correndo o risco de propor um objetivo que, por nascer da surpresa diante do que se quer conhecer, somente reafirma suas próprias opiniões. A *epoché*, por outro lado, auxilia a elaborar um objetivo que, incluindo o interesse aberto e pessoal do pesquisador, é capaz de propor um recorte preciso do fenômeno e identificar elementos essenciais a serem investigados.

Como tais considerações foram traduzidas em nossa prática de pesquisa?

Impelidos pelo ideal pessoal de ajudar o próximo, começamos a trabalhar voluntariamente numa instituição espírita. No primeiro contato, deparamo-nos com realidade diversa da que havíamos imaginado: encontramos pessoas de diferentes trajetórias, cada qual com seu motivo para estar ali. Imersos na “atitude natural”, freqüentemente nos perguntávamos pelos motivos que levam as pessoas a trabalhar. No entanto, no relacionamento com voluntários

que se dedicam ao trabalho por vários anos, fomos provocados a reformular a pergunta, questionando-nos sobre o que leva as pessoas a *permanecerem* no voluntariado. E, com a convivência pessoal e dedicação ao trabalho, começamos a reconhecer na experiência a incidência de outro fator: a realização de si vivida enquanto se concretiza o gesto.

Acolhendo essa provocação, problematizamos as imbricações entre o contexto e os sujeitos da experiência, delimitando como objetivo de pesquisa investigar como se configura o relacionamento entre a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa e o contexto sociocultural de uma instituição espírita, tal como vivido e revelado pelos sujeitos da experiência.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA ADENTRAR O CAMPO

Se nos voltamos para o relacionamento entre sujeito e contexto sociocultural, a complexidade dessa articulação solicita que recorramos a conceitos chave da Fenomenologia para adentrar o campo de pesquisa de modo aberto e crítico.

Vimos que a “atitude fenomenológica” se volta para as vivências buscando colher sua constituição. Husserl (2006a) explicita que as vivências são base da subjetividade, pois, embora seu conteúdo seja variado, sua estrutura é compartilhada: todos nós temos capacidade de perceber, sentir, imaginar, refletir, agir. Apreendendo suas diferenciações qualitativas, o fenomenólogo pôde delimitar três dimensões constitutivas do humano: a corpórea (corpo vivente), a psíquica (esfera do que nos acontece, vivências de reação) e a espiritual (esfera do posicionamento, vivências volitivas e intelectivas) (Ales Bello, 1998; Husserl, 2006a; Stein, 2005a).

Constituído por dimensões diferenciadas, o ser humano é ser uno e único, existente como eu-no-mundo, ser de relações. Para descrevê-lo, a Fenomenologia retoma o conceito de *pessoa*, que contempla a unidade humana singular e dinâmica, capaz de abertura para dentro (autoconsciência) e para fora (esfera de relações) (Stein, 2003a).

Sendo fruto de análises rigorosas da subjetividade, a proposta antropológica da Fenomenologia Clássica diferencia níveis de vivência, reconhece dimensões distintas do humano e recoloca a centralidade do relacionamento com o mundo para a constituição do ser pessoa (Ales Bello, 2004). Por tudo isso, favorece a aproximação da experiência investigada numa posição de abertura para todos seus níveis e sutis variações, buscando apreender o modo como o sujeito elabora o que lhe é proposto pelo mundo.

Reconhecendo neste mundo o substrato que permite ao sujeito elaborar a própria experiência, a Fenomenologia volta-se para o mundo-da-vida explicitando seu caráter de matriz de significação que oferece instrumentos para lidar com o real de modo conexo com a experiência compartilhada. Âmbito originário das “formações de sentido”, o mundo-da-vida é horizonte aberto e vivo no qual “os dados e experiências singulares compartilham ser e sentido com a totalidade na qual se inserem” (Zilles, 1996, p. 146) e, por isso, é a base na qual se assentam elaborações mais complexas que se constituem como cultura.

A cultura, nesse sentido, constitui-se como mentalidade, forma de orientação, expressões e produtos próprios de um grupo humano (Ales Bello, 1998). Embora possa se desvincular do mundo-da-vida, tornando-se fragmentada e abstrata, a cultura se realiza enquanto tal a partir do posicionamento da pessoa que, respondendo a provocações de seu mundo, configura bens culturais (Stein, 2003b).

Assim, ao se voltar para a experiência da pessoa, a análise fenomenológica ressalta a importância de considerá-la situada no mundo, seu mundo-da-vida, que não apenas a rodeia, mas constitui-se como substrato de seu processo de subjetivação. Sempre um mundo humano, o mundo-da-vida se estrutura e mantém pelos posicionamentos de quem o compõe (Ales Bello, 1998).

Em nossa pesquisa, o reconhecimento dessa complexidade, somado à possibilidade de escavar a cultura até seu sentido radical, permitiu que nos aproximássemos da experiência de voluntariado considerando-a não só como expressão da individualidade, mas como imbricada à elaboração coletiva de determinado horizonte cultural. Sob o prisma dessa perspectiva ampla,

fomos auxiliados a colher o que é mais próprio da pessoa ao mesmo tempo em que analisamos as matrizes sociais do seu posicionamento.

Tratou-se, pois, de um duplo chamado: buscar captar na ação voluntária dos sujeitos o que há de estrutural e compartilhado e buscar compreender de que modo a proposta cultural em que a ação se ancora contribui para a efetivação dessa ação e para a constituição da subjetividade.

A BUSCA POR INSTRUMENTOS PARA APREENDER A EXPERIÊNCIA EM ATO

À abertura de horizontes possibilitada pelo referencial fenomenológico, é preciso aliar instrumentos adequados ao objeto investigado, de modo a captá-lo em seu dinamismo vivo. Interessados em apreender o processo de mútua constituição entre sujeito e contexto por meio da análise da estrutura da vivência (van der Leeuw, 1964), que instrumentos de pesquisa nos permitiram chegar a elementos próprios da experiência investigada?

Encontramos na observação participante, tal como proposta por Brandão (2005, 2007), instrumento capaz de compreender a experiência investigada preservando o que há de mais essencial no que se manifesta. Trata-se de trabalho de campo de cunho etnográfico que parte da realidade cotidiana dos sujeitos em suas múltiplas facetas e interações objetivando colher estruturas e dinâmicas da vida social. Voltando-se para o processo de elaboração pessoal e coletiva, a observação participante colhe elementos do contexto no modo como os sujeitos descrevem sua experiência e respondem ao que lhes é proposto. Essa modalidade de investigação solicita envolvimento do pesquisador, que compreende e produz conhecimentos na relação intersubjetiva com os sujeitos que compõem a realidade social (Brandão, 2005).

Além da observação participante, outro instrumento importante para adentrar a experiência dos sujeitos de pesquisa é a entrevista semi-estruturada. Propondo um recorte temático, ela oferece abertura para que o sujeito discorra sobre o que lhe convém (Szymanski, 2004). Sendo uma ruptura com o cotidiano, a entrevista possibilita à pessoa perceber seu mundo circundante, refletir sobre sua experiência e elaborar aspectos significativos de sua vida pessoal e comunitária (Schmidt e Mahfoud, 1993). Para facilitar tal elaboração, as perguntas que guiam a entrevista precisam enfocar a vivência do entrevistado.

Enfrentamos na prática de pesquisa o desafio de aplicar tais instrumentos metodológicos para apreender a experiência de voluntariado ressaltando tanto a proposta sociocultural do contexto quanto a vivência dos sujeitos que a ela respondem.

Ao realizar a observação participante para captar a estrutura do contexto sociocultural da instituição investigada, reconhecemos a importância da convivência pessoal com os sujeitos que trabalham voluntariamente para efetivamente compreender e descrever o modo de funcionamento e a vida social da instituição. Tal envolvimento facilitou com que os sujeitos adentrassem suas experiências de modo vivo, permitindo-nos colher o processo de mútua constituição entre sujeito e contexto a partir da vivência. Percebemos também a importância de respeitar a comunidade como fonte originária do saber, suspendendo nossas pré-ideologizações, cuidando para não impor saberes e valores e empenhando-nos para compreender em profundidade a dinâmica social tal como vivida e revelada pelos sujeitos.

A entrevista semi-estruturada foi utilizada para captar a experiência de voluntariado de cada sujeito da pesquisa, atentando para a dinâmica de realização pessoal presente nesta experiência. Percebemos que a entrevista conseguia alcançar a vivência quando realizada no momento em que os sujeitos trabalhavam voluntariamente, pois o processo de elaboração estava presente e vivo. Optamos então por nos aproximarmos deles nessas situações, inclusive desempenhando algumas atividades junto a eles, de modo que pudéssemos compartilhar a concretude do seu cotidiano de voluntários e criar um relacionamento no qual a pessoa se sentisse solicitada a elaborar e relatar sua experiência em profundidade.

Amatuzzi (1996) e Bosi (2005) ressaltam a importância da postura do investigador no momento da coleta de dados. Não basta identificar informações genéricas sobre determinado

conteúdo: é preciso ser presença que convide a pessoa a se voltar para a experiência e a refletir a partir do que emerge (Amatuzzi, 1996). Podemos desse modo colher elaborações reveladoras de posicionamentos pessoais e do contexto sociocultural no qual eles se assentam.

Em nossa prática de pesquisa, além de colhermos as entrevistas em momentos propícios à elaboração, percebemos que a atenção real à vida dos sujeitos favoreceu com que eles confiassem em nós e, provocados, adentrassem suas experiências de modo intenso e pessoal.

Reconhecemos a importância de realizar perguntas focadas na vivência dos sujeitos, pois não desejávamos respostas pré-formatadas sobre o trabalho voluntário em geral e fatos objetivos que o delineiam – que tendem a ser superficiais, artificiais e tomados ingenuamente a partir de referências externas esse tipo de trabalho. Ao invés, solicitamos que os entrevistados descrevessem sua atividade voluntária, adentrando a vivência de voluntário em sua complexidade, pois interessava-nos a expressão da experiência mesma, que contém o posicionamento da pessoa.

Buscávamos com essa proposta favorecer com que as elaborações fossem vitalizadas e enraizadas no mundo-da-vida dos sujeitos, pois é no modo como a pessoa destaca certos elementos, responde àquilo que lhe aparece e articula o que vivencia, que podemos nos aproximar da compreensão que almejamos do fenômeno. Assim, intentando respeitar a dinâmica de elaboração de cada sujeito, não induzíamos que falassem o que esperávamos deles ou que respondessem diretamente a nosso objetivo – função que cabe ao pesquisador no momento da análise – mas os auxiliávamos a retomarem o foco na experiência sempre que necessário.

SELEÇÃO DOS SUJEITOS: DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS ADEQUADOS AOS OBJETIVOS

Reconhecendo que em nossa pesquisa a seleção aleatória de sujeitos traria grandes chances de que elementos acidentais fossem tomados como essenciais, inviabilizando a compreensão do fenômeno da realização vivido na experiência de voluntariado, optamos por selecionar sujeitos intencionalmente. Nessa modalidade, em que se parte de informações disponíveis para identificar figuras emblemáticas para a temática em questão, é inegável o risco de que um critério de seleção impreciso inviabilize os resultados alcançados (Gil, 1999). Por isso, cuidamos de identificar durante a observação participante pessoas-referência quanto ao modo ideal de trabalhar naquele contexto, pessoas reconhecidas como modelos pelo modo como se envolvem e comprometem-se pessoalmente com a experiência de voluntariado.

Além de selecionar pessoas-referência, entendemos, com Ales Bello (2004), que quanto mais explicitamos diferenças existentes entre um sujeito e outro, mais podemos apreender com certeza e rigor a estrutura da experiência investigada. Assim, buscamos que a amostragem intencional contemplasse pessoas diversificadas, para que a valorização da multiplicidade de perspectivas conferisse fidedignidade ao que emergiu como comum e compartilhado.

CUIDAR DO MATERIAL COLETADO: CONDIÇÃO PARA ANÁLISE RIGOROSA

Para analisar de modo rigoroso o fenômeno que nos interessa, é preciso colher e organizar o material de modo adequado (Mahfoud, 2003).

Em nossa pesquisa, utilizamos gravador de áudio digital para registrar as entrevistas e diário de campo para anotar intuições e dinâmicas da realidade social que percebemos ao longo da observação.

Priorizamos a precisão na transcrição integral das entrevistas, pois reconhecemos a importância desta etapa para o sucesso da análise. O critério é sempre que os sujeitos se reconheçam no texto (Mahfoud, 2003). Por isso mantemos estilos de linguagem de cada um para preservar a maneira como eles se expressam, atentando para que a reprodução escrita não

se torne caricatural. Após a análise, textualizamos as transcrições para facilitar a leitura e compreensão da experiência comunicada, com cuidado para não perder sua vitalidade e complexidade original.

Incluímos na transcrição dados não verbais registrados no diário de campo que pudessem ser reveladores da vivência dos sujeitos no momento da entrevista, como expressões faciais e corporais, olhares e gestos expressivos. Tal inclusão busca facilitar a análise, pois oferece mais elementos para compreender com maior precisão determinadas vivências.

ANÁLISE DOS DADOS COMO POSSIBILIDADE PARA APREENDER A ESTRUTURA DA EXPERIÊNCIA

É por meio da análise dos dados que podemos chegar ao modo como a realidade social se estrutura; à constituição eu-mundo; e à estrutura das vivências, como elas se organizam e se manifestam (Amatuzzi, 1996; Ales Bello, 2004).

Há diversas modalidades de análise concreta dos dados que se guiam pelo método fenomenológico. Reconhecemos na proposta de análise fenomenológica de van der Leeuw (1964) possibilidade consistente para apreender o processo de constituição da experiência, tomar os relatos como expressão do vivido, escavar a subjetividade e o mundo-da-vida, compreender fenômenos culturais em seu dinamismo próprio.

Segundo esse autor, a estrutura das vivências é uma totalidade orgânica compreendida, que emerge como “desenho” traçado no emaranhado da realidade. Sendo uma reconstrução, posto que não há possibilidade de apreensão direta das vivências, a estrutura a que chegamos não é nem totalmente experimentada nem totalmente abstrata, ela é compreendida. Para chegar a tal reconstrução, é preciso apreender os diversos sentidos que se abrem aos sujeitos, tornando possível a identificação da conexão compreensível entre as estruturas reveladoras da experiência-tipo daquele conjunto de dados (van der Leeuw, 1964).

Por sustentar a tensão presente no processo de constituição sujeito-contexto e permitir chegar à estrutura do fenômeno a partir do modo como a pessoa elabora a própria experiência, o método proposto por van der Leeuw (1964) nos desafiou a apreender a estrutura típica da experiência de voluntariado no contexto sociocultural da instituição investigada. Não se tratava de delimitar um conceito de voluntariado, ou dar um parecer sobre a experiência dos sujeitos de pesquisa, mas de colher elementos essenciais presentes no modo de elaboração de cada sujeito para chegar à formulação típica da experiência de voluntariado em sua complexidade dinâmica.

Para tanto, na análise de cada entrevista, ordenamos os dados em eixos temáticos elaborados a partir de nossos objetivos específicos. Com tal ordenação, buscamos facilitar a compreensão das experiências a nós comunicadas e favorecer nossa atenção a aspectos que, seja pela revisão da literatura, seja pelo próprio contato prévio com os dados, reconhecemos como importantes.

Feita a ordenação, buscamos apreender o movimento da pessoa, seu modo próprio de elaboração. Em seguida, procuramos compreender os dados do ponto de vista da experiência de nosso interesse, atentando para o modo como a pessoa se realiza nessa experiência e de que forma ela responde às solicitações daquele contexto sociocultural.

Como meio de apreender metodicamente a dinâmica da experiência e chegar a delimitar uma experiência-tipo a partir dos dados colhidos, tomamos como referência as diretrizes metodológicas propostas por van der Leeuw (1964):

1) Nomeação: ato de separar e agrupar as vivências, que nos permite organizá-las, tornando-as inteligíveis. Este passo nos ajudou a nomear um conjunto de vivências, favorecendo a aproximação das mesmas, e não sua reificação, utilizando expressões tomadas dos próprios relatos.

2) Inserção na própria vida: vivência consciente e metódica das ressonâncias que o fenômeno em estudo provoca no pesquisador. Não “mergulhamos” de modo inconsciente nos dados, mas buscamos colher com rigor o impacto das vivências do outro como indicativos de um sentido a ser compreendido.

Uma vez que as ressonâncias são colhidas pelo pesquisador, é importante destacar que esse passo reconhece o lugar da pessoalidade daquele que investiga. Ressaltamos também como os estudos teóricos preliminares enriqueceram nosso repertório, abrindo possibilidades a serem problematizadas e reconhecidas no ato da análise.

3) Inserção entre parênteses: suspensão da faticidade e de convicções pessoais prévias para a captação do sentido presente no que se mostra. Trata-se da atitude de *epoché*, com a qual se pretende que não nos percamos nem nas “coisas” (faticidade), nem no próprio ego (juízo), objetivando privilegiar a estrutura da vivência investigada.

4) Elucidação: clarificação das vivências contempladas e estabelecimento de categorias que ressaltem as conexões de sentido existentes. Nesta diretriz, a articulação entre as categorias apreendidas permitiu-nos a elaboração da experiência-tipo de voluntariado tal como vivida e revelada pelos sujeitos da experiência.

5) Compreensão: espécie de união ou culminância das diretrizes antecedentes, na qual “a realidade caótica, inerte, converte-se (...) em uma informação, em uma revelação” (p. 648). Para alcançarmos a compreensão das experiências investigadas, foi importante durante a análise colher os vários níveis de realização presentes nos depoimentos e explicitar especificidades e interconexões entre ação voluntária e experiência religiosa.

6) Retificação contínua: correção das compreensões alcançadas a partir do confronto com outros materiais. Nessa diretriz, a retomada do material coletado, o diálogo com pares e a supervisão com o orientador mostraram-se imprescindíveis para que pudéssemos retificar compreensões. Concomitantemente, empreendemos a discussão dessas compreensões com elaborações teóricas apresentadas em nosso referencial e com contribuições de outros autores, uma vez que a configuração dos dados ultrapassou a revisão inicialmente realizada, solicitando-nos a ampliar nossa gama de referenciais.

7) Reconstrução da experiência vivida pelo sujeito visando a sua apresentação a terceiros de modo a possibilitar o acesso à compreensão da vivência alcançada.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E GENERALIZAÇÃO VITALIZADA DOS DADOS

Nas pesquisas qualitativas, identificamos o risco de transformar a discussão dos resultados numa mera reafirmação daquilo que o referencial teórico da própria pesquisa já explicitou, eliminando a densidade da experiência e a provocação que os resultados alcançados trazem para a temática em questão. Portanto, de que modo discutir os resultados sem limitá-los àquilo que os grandes autores já falaram, mas promover um debate real entre teoria e experiência apreendida em ato?

Em nossa pesquisa, optamos por empreender o diálogo entre cada categoria da experiência-tipo e a produção de outros autores sobre aquela temática, de modo a consolidar nossa contribuição para a compreensão do fenômeno investigado. Comparando o que encontramos nos resultados com o dinamismo de certas modalidades de experiência descrito em termos gerais por esses autores, pudemos explicitar como as vivências por nós compreendidas articulam-se à constituição da estrutura fundamental da experiência humana. E, apreendendo a experiência analisada em termos da estrutura propriamente humana, lançamos as bases para que nossos dados fossem generalizados sem perderem sua vitalidade originária.

CONCLUSÃO

Revisitando convites da Fenomenologia Clássica para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, compreendemos a importância do rigor para favorecer com que a experiência seja efetivamente apreendida e comunicada em sua vitalidade e complexidade.

Identificamos em nossa experiência de pesquisa a necessidade de enfrentar uma série de desafios para sustentar a seriedade do estudo, dentre os quais destacamos a importância de colher a provocação do fenômeno investigado; considerar o interesse pessoal do pesquisador;

colocar entre parênteses concepções prévias para captar o fenômeno; elaborar referencial teórico provocador; adequar instrumentos à realidade investigada; selecionar sujeitos a partir de critérios precisos; conviver e solicitar pessoalmente os sujeitos a adentrar sua experiência; apreender a elaboração da experiência pessoal e coletiva em seu dinamismo próprio; discutir e generalizar os dados de modo vitalizado.

Tais desafios evidenciaram que a investigação da articulação entre subjetividade e cultura é possível por meio da apreensão da estrutura da vivência, uma vez que esta expressa, a um só tempo, o posicionamento pessoal e o mundo humano em que este posicionamento se constitui. Deste modo, não se trata de tentar unificar dois pólos separados, mas sim de buscar colher, na experiência investigada, a unidade e a complexidade do processo de mútua constituição entre sujeito e contexto sociocultural.

BIBLIOGRAFIA

ALES BELLO, A. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. Trad. A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998. 204 p.

ALES BELLO, A. *Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião*. Trad. M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusc, 2004. 329p.

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 484 p.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005. p. 257-266.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

GASPAR, Y. E. *Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita*. 186f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

HUSSERL, E. *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Trad. D. F. Ferrer. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008. 559 p.

HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. M. Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006a. 384 p.

HUSSERL, E. Renovação como problema ético-individual. In: HUSSERL, E. *Europa: crise e renovação*. Trad. P. M. S. Alves e C. A. Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006b. p. 39-62.

MAHFOUD, M. *Folia de reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada; Campinas: Centro de Memória, 2003. 163 p.

SCHMIDT, M. L.; MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-98, 1993.

STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: STEIN, E. *Obras completas. v. IV: Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. F. J. Sancho e col. Vitória: Ed. El Carmen, 2003a. p. 555-749.

STEIN, E. Sobre el concepto de formación. In: STEIN, E. *Obras Completas. v. IV: Escritos antropológicos y pedagógicos*. Trad. F. J. Sancho e col. Vitoria: El Carmen, 2003b. p. 177-194.

STEIN, E. Contribuiciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In: STEIN, E. *Obras completas. v.II: Escritos filosóficos*. Trad. F. J. Sancho e col. Burgos: Monte Carmelo, 2005a. p.207-520.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, H. (org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004, p. 9-61.

VAN DER LEEUW, G. *Fenomenología de la religion*. Trad. E. Peña. México: Fondo de Cultura Económica, 1964. 687 p.

ZILLES, U. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 11-55.

Yuri Elias Gaspar
Miguel Mahfoud

E-mail: yurieliasgaspar@yahoo.com.br
E-mail: mmahfoud@yahoo.com